

# Canetas emagrecedoras terão impacto na economia

Sobrecarga no sistema de saúde deve diminuir e restaurantes precisarão se adaptar

CANETAS EMAGRECEDORAS  
**RISCOS E RECOMPENSAS**

Cássio Fonseca  
cassiof@jcrs.com.br

Se por um lado as canetas emagrecedoras acenderam um sinal de alerta no governo e na Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) pelo uso sem acompanhamento médico e pela crescente popularidade do produto falsificado, por outro, o recurso parece chegar para ficar com apoio dos endocrinologistas, que o utilizam no combate à obesidade. Mesmo recente, a caneta se coloca como uma opção menos invasiva e facilita na reeducação do comportamento alimentar do paciente que luta contra a balança. E isso terá, inclusive, um impacto econômico no sistema de saúde e em restaurantes.

O tratamento, com o devido acompanhamento, consiste em uma injeção semanal que tira o apetite, além da compulsão por doces e alimentos ultraprocessados. A partir daí, fica mais fácil estabelecer uma dieta com alimentos voltados ao emagrecimento para que, quando houver a redução e o desmame da dose, esses hábitos já estejam consolidados.

Para a diretora do Núcleo de Atenção Primária à Saúde do Sindicato Médico do Rio Grande do Sul (Simers), Bruna Tertuliano, “apesar dos resultados promissores, é essencial reforçar que se tratam de fármacos potentes, com indicações específicas e que exigem acompanhamento e prescrição médica”. Ela reforça que o processo envolve diversas frentes e que, depois, não basta parar com a caneta.

“Muitos pacientes suspendem o medicamento de forma abrupta após emagrecer, o que frequentemente resulta em reganho de peso. Isso ocorre porque a obesidade é uma condição crônica e multifatorial, e o manejo exige estratégia a longo prazo e mudanças estruturadas no estilo de vida”, completa. Dentre as mudanças, estão a prática de atividade física, regulação do sono e acompanhamento médico.

O psicólogo especialista em comportamento alimentar Antônio Bonfada relata que o primeiro passo do tratamento com obesos é dar início às intervenções comportamentais. O principal problema é se a supressão do apetite gerar um déficit em termos nutricionais, o que pode ocorrer caso não haja uma dieta adequada. “Se está consumindo pouca proteína e não está fazendo atividade física, isso pode ser um problema para quem está tomando a medicação já que, além



Aplicação de uma injeção semanal se popularizou no País, diminuindo consideravelmente o apetite

de estar perdendo gordura, também estará perdendo muita massa magra”, explica.

Bonfada completa que a pessoa com obesidade está muito provavelmente em uma situação de vulnerabilidade no ambiente em que ela vive, além do próprio corpo já estar sabotando-a em termos de desenvolvimento da doença. E inibindo os sinais de fome, é feita uma estrutura tanto do ponto de vista da nutrição quanto do ponto de vista da terapia. Ele ainda afirma que a alimentação tem que ser previsível em algum nível. “Não tem que ser perfeita, mas não pode ter hábitos alimentares caóticos, como longos períodos de jejum”.

Para o pós-canetas, os sinais de fome vão aumentar e o psicólogo alerta que, além dos hábitos, o ambiente também deve ser adaptado. “Se a casa inteira for uma armadilha, a pessoa vai voltar a ter os mesmos comportamentos”, alerta. “Temos que pensar como serão as compras de mercado, quando elas vão acontecer e o que vai ter em casa. Para que a pessoa, já naquelas doses menores da medica-

ção e voltando os sinais de fome, esteja habituada com essas novas pistas do ambiente”, completa.

E essa reeducação também ocorre fora de casa, o que deve gerar um impacto substancial na economia a médio e longo prazo. O economista e professor da Escola de Negócios da Pucrs Gustavo Frio avalia que passamos por duas revoluções muito fortes hoje em dia. “A revolução da Inteligência Artificial e a revolução das canetas emagrecedoras.” Ele avalia que restaurantes e mercados que apostam em ultraprocessados irão precisar, em breve, se adaptar a uma nova realidade do consumo a partir do crescente uso da medicação.

Há poucos dias da quebra da patente da semaglutida, que tem o nome comercial Ozempic ou Wegovy, em março, haverá uma oferta maior com as farmácias manipulando uma versão genérica do medicamento, o que irá reduzir seu custo. “Não é que vai virar um remédio popular, mas pelo menos bem mais barato do que atualmente”, aponta Frio. Hoje, um mês de tratamento custa mais de R\$ 1 mil.

Por outro lado, estabelecimentos voltados à saúde e bem estar devem lucrar com esse aumento. Academias e restaurantes que oferecem alimentos naturais e menos calóricos passam a receber um público que antes era voltado aos ultraprocessados. Para a adaptação, alguns estabelecimentos do Brasil, em especial restaurantes de rodízio, oferecem uma opção com menos quantidade e com um preço mais acessível, já que a pessoa não consegue comer muito.

Outro impacto positivo, na visão do professor, é que as canetas vão “afetar muito a indústria de saúde brasileira a longo prazo”. Espera-se que essas pessoas tenham menos problemas com diabetes, hipertensão e outras doenças cardiovasculares, diminuindo a pressão sobre o sistema de saúde e resultando em uma redução de custos.

Esta matéria é a segunda de uma **série especial de três reportagens** sobre os impactos do uso das canetas emagrecedoras.

## Butantan antecipa entrega de 1,3 milhão de vacinas contra dengue ao SUS

/ SAÚDE

O Instituto Butantan anunciou ontem que antecipará para o primeiro semestre deste ano a entrega de 1,3 milhão de doses da vacina contra dengue Butantan-DV ao Sistema Único de Saúde (SUS). Inicialmente, o lote seria entregue no segundo semestre deste ano. Com o novo prazo, serão distribuídas ao todo

2,6 milhões de doses no primeiro semestre.

A vacina Butantan-DV é produzida no parque fabril do próprio instituto, na capital paulista. O imunizante, aplicado em dose única, tetraviral e 100% nacional, foi aprovado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) para ser utilizado na população brasileira de 12 a 59 anos. Nesse público, o imuni-

zante mostrou 74,7% de eficácia geral, 91,6% de eficácia contra dengue grave e com sinais de alarme e 100% de eficácia contra hospitalizações por dengue.

Na segunda semana de fevereiro, o Ministério da Saúde iniciou a vacinação contra a dengue dos profissionais de saúde (médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem e agentes comunitários de saúde das Unida-

des Básicas de Saúde) da Atenção Primária, com a previsão de proteger 1,2 milhão de trabalhadores da linha de frente do SUS.

O governo do estado de São Paulo anunciou ainda a transferência de um terreno no bairro do Jaguaré, Zona Oeste do município de São Paulo, para a criação de um novo polo de inovação e desenvolvimento de imunobiológicos do Instituto Bu-

tantan, além do investimento de R\$ 1,38 bilhão em novas fábricas para produção de vacinas e imunobiológicos. “Nessa área, vamos produzir nosso parque fabril para levarmos São Paulo onde queremos: um expoente máximo da ciência, da biotecnologia, do desenvolvimento e da inovação em Saúde no nosso país”, disse o secretário estadual da Saúde, Eleuses Paiva.